

---

## POESIA E MEMÓRIA EM CORA CORALINA\*

---

GOIANDIRA DE F. ORTIZ DE CAMARGO\*\*

---

### RESUMO

Este trabalho pretende investigar a configuração da memória na obra da poetisa Cora Coralina. Consiste na verificação de que a hesitação/tensão entre o vivido e o lembrado produz o texto poético, tornando-o território ressoante dos discursos do contexto histórico, sociológico e antropológico. Erige-se nesse sentido como um espaço ficcional de resgate da memória da sociedade. A reconstrução da memória, em Cora Coralina, enuncia-se numa voz poética que recorda outras vozes.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia goiana, memória, vozes poéticas, Cora Coralina.

No espaço da criação artística, a recordação, vereda lírica da memória, é o caminho por onde retornam ao presente as imagens esgarçadas da lembrança. Muitos são os textos da memória que têm na falha entre o vivido e o lembrado sua virtude poética, porque

um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limite, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.  
(BENJAMIN, 1985, p. 37)

Nas lacunas, a memória sonha, cria impressões e, principalmente, as imprecisões da referencialidade do vivido. É nesse sentido que se pode dizer que o homem que recorda se recompõe incessantemente como ser poético.

Fragmentário, cheio de falhas, impregnado do que passou e do que se está vivendo, constitui-se, assim, o texto da memória, ao qual o

---

\* Artigo apresentado originalmente como comunicação no VIII Seminário Nacional Mulher e Literatura, realizado em Salvador, no ano de 1999.

\*\* Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

homem recorre para conferir significado ao mundo, para reconhecer o que ali está e se constituir como sujeito de uma história. Sobre esse poder construtor da memória Henri Bergson afirma que “na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada” (BERGSON, 1990, p. 22). Nesse caso, a nossa vivência do presente torna-se, então, um acúmulo de detalhes, soma de pormenores vividos que se agarram às imagens imediatas dos nossos sentidos, formando um texto originário e permeável que, tendo afinidade com o texto poético, se infiltra de ambigüidades, sobrepõe outros sentidos que acabam por deteriorar o anterior.

Quando instaurado na instância poética, o texto da memória compromete os documentos e dados da biografia; torna-se um palimpsesto em que a historicidade é rasurada, mal apagada, dita em “meias confissões”, estabelecendo, dessa forma, uma fronteira instável entre o eu lírico e o eu biográfico. Assim, se pretendeu-se documento, remissivo a uma circunstância histórica e factual, com a queda na palavra poética, se resguarda, se põe por trás, como um vir a ser, pois que já se aderiu à natureza do literário. E a memória, agora tornada poética, efabula, deixa em liminaridade suspensa o biográfico, mantendo teso o *arco do vivido*.

É nesse território de instabilidade, em que os saberes mais diversos consagram o que se chama conhecimento humano, que se ergue, como um marco de fundação de uma cidade, a poesia de Cora Coralina, nascida, em 1889, Ana Lins dos Guimarães Peixoto, mais tarde Bretas, e falecida em 1986, na Cidade de Goiás. O conjunto de sua obra é composto dos livros *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965), *Meu livro de cordel* (1976), *Vintém de cobre – Meias confissões de Aninha* (1983), *Estórias da casa velha da ponte* (1985), *Meninos verdes* (1986), *Tesouros da casa velha da ponte* (1989), sendo *A moeda que o pato engoliu* (1997), *Villa Boa de Goyaz* (2001) e *O prato azul pombinho* (2002) de publicação póstuma. Embora iniciada, na década de 10 do século XX, com publicações em jornais, sua obra só ganha corpo no tardar da vida da autora, quando confessa ter-lhe surgido a necessidade de “rever, escrever e assinar os autos do Passado/antes que o Tempo passe tudo a raso” (*Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, p. 39). Com uma história de vida, cheia de dificuldades, encanta os seus leitores e os visitantes da sua casa velha da ponte, onde nasceu

e morreu, Cora antecipou o seu tempo, rompendo com preconceitos e com uma sociedade discriminadora quanto ao papel social da mulher. E, muitas vezes, sua história de vida, o mito que se criou da senhora de cabelos brancos declamando com voz trêmula seus versos, sobrepõe e ofusca a sua poesia, contribuindo para leituras apressadas que não reconhecem o seu valor literário. Suas faces não-poéticas, como as representações sociais, históricas e da cultura popular, que podemos encontrar em sua obra, são iluminações veladas do próprio poético.

À força da memória, Cora Coralina, aos 76 anos, escreve o seu primeiro livro, publicado pela José Olympio, abrindo-o com uma “Ressalva”, como quem pede licença e avisa aos leitores sobre a natureza do que vai escrever:

Este livro foi escrito  
por uma mulher  
que no tarde da Vida  
recria e poetiza sua própria  
Vida.  
Este livro  
foi escrito por uma mulher  
que fez a escalada da  
Montanha da Vida  
removendo pedras  
e plantando flores.  
Este livro:  
Versos... Não  
Poesia... Não,  
Um modo diferente de contar velhas estórias.

*(Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, p. 41)*

A memória em Cora Coralina se configura no recordar, atributo poético do lírico, segundo Emil Staiger (1969). Porém, o recordar em sua poesia é apenas um instante de recolhimento subjetivo de outras vozes, às quais, para melhor serem acolhidas e acomodadas no reduto da sua própria voz lírica, a Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas cria a poetisa Cora Coralina. Esta, por sua vez, concede voz à Aninha, a menina feia da Ponte da Lapa que assina um dos seus principais livros, *Vintém de cobre – meias confissões de Aninha*. Cora Coralina e Aninha são refúgios de criação, de ficcionalização e de tentativa de afastamento

do puramente biográfico e da historicidade circunstancial e privada. Assim procedendo, a poetisa sente poder – parafraseando-se aqui Theodor Adorno (1983), escutar, em sua solidão, a voz da sua cidade, assumindo-a para desvelá-la a contrapelo. A figura da autora, que pode ser buscada aos livros da poetisa, é aquela que conquista outras vozes para incorporá-las ao território do seu próprio eu lírico:

Minha identificação com a gleba e com a sua gente.  
Mulher da roça eu sou. Mulher operária, doceira,  
Abelha no seu artesanato, boa cozinheira, boa lavadeira.  
A gleba me transfigura, sou semente, sou pedra.  
Pela minha voz cantam todos os pássaros do mundo.  
Sou a cigarra cantadeira de um longo estio que se chama Vida.  
[...]  
Eu sou a terra milenária, eu venho de milênios.  
Eu sou a mulher mais antiga do mundo, plantada e fecundada  
No ventre escuro da terra.

*(Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, p. 108-109)*

A memória não é só de Ana Lins, testemunha de um tempo comprovado nas referências históricas, em nomes de pessoas de sua contemporaneidade, datas, lugares e acontecimentos assinalados nos anais da história, como podemos encontrar em vários poemas. A memória, nesse sentido, é de uma coletividade, porque não só traz de volta ao coração as plangências do eu lírico, mas também confronta-se com o mundo, quando toma para si a palavra épica que se inscreve, à mercê do pulsar da poesia, na pedra fundadora da cidade.

Os poemas de Cora Coralina não são um inventário dos seus bens afetivos, desventuras, dissabores e felicidades que possa ter vivido. Eles se biografam do povo do lugar e tomam a palavra como missão de contar, rever os autos do passado, perpetuá-los na escritura poética. Para isso, Cora quase que elide o período de 1911 a 1956 – em que ficou fora da Cidade de Goiás –, talvez o mais atraente de sua vida para o leitor que gosta de espreitar a privacidade dos seus autores. Suprime, inclusive, a sua fuga no meio da noite com o homem que seria seu marido. Da sua vida pessoal e desse período que ficou fora de sua terra natal são poucas as referências. O episódio da fuga, que tanta perturbação causou na sociedade da época, a poetisa o recria no poema “Rio

Vermelho”, numa imagem que resguarda a sua vida amorosa, dificultando o acesso prosaico do leitor, e dando ao rio, que passa debaixo da janela de seu casarão, um sentido de transcendência, de travessia metafísica, de cumprimento do que já estava escrito. O sujeito lírico acolhe o seu destino, suspende o tempo entre os parênteses, para, assim como que destemporalizado, receber a imposição de uma outra medida, tomando a forma das coisas imemoráveis do coração, as compromete com a própria história da humanidade:

Rio Vermelho – meu rio.  
Rio que atravessei um dia  
(Altas horas. Mortas horas.)  
há cem anos...  
Em busca do meu destino.

(*Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, p. 94)

A poetisa, então, na sua missão rapsódica de contar a história de sua comunidade, recorre ao artifício artístico de criar Cora Coralina, a velha senhora que faz doces e versos, e Aninha, a menina que encarna as experiências de sua infância, unindo, como Bentinho, de *Dom Casmurro*, as duas pontas da vida. Tais estratégias compõem a retórica da sua poesia, são um modo de licença poética que aponta para a consciência reflexiva da autora, subjacente aos seus poemas. Entretanto, a escolha da velha e da criança para sujeito de sua poesia não é aleatória, pois sendo eles ocupantes de posições sociais periféricas, as suas vozes, apenas consideradas nos limites da tolerância, representam, ainda no nosso contexto histórico-social, papéis pouco ou nada relevantes, restando-lhes a compensação de viverem num imaginário *in extenso*.

E é aqui que essas duas instâncias de criação franqueiam a liberdade para um discurso criador, abrindo um espaço de permissividade poética. Assim, o sujeito da enunciação poética se instaura num lugar privilegiado, de onde melhor pode ver as contradições da sociedade, expondo-as aparentemente isentas de ameaça. Por outro lado, a poetisa ao adotar essas duas vozes, confunde a sociedade que um dia a rejeitou, quando menina: “Eu era triste, nervosa e feia./Chorona./Amarela de rosto empalariado,/de pernas moles, caindo à toa./Um velho tio que assim me via/– dizia:/ ‘– Esta filha de minha sobrinha é idiota./Melhor fora não ter nascido’” (*Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*,

p. 176). E enquanto mulher, pois acreditava-se “que moça que lia romance e declamava Almeida Garret/não dava boa dona de casa” (*Vintém de cobre*, p. 37).

Desse modo, a máscara assegurada pelas convenções artísticas permite que a poetisa cante todo o errado de sua terra:

Amo e canto com ternura  
Todo o errado da minha terra.  
[...]  
Conto a estória dos becos,  
Dos becos da minha terra,  
Suspeitos... mal afamados  
Onde família de conceito não passava.  
“Lugar de gentinha” – diziam, virando a cara.  
De gente de pote d’água.  
De gente de pé no chão.  
Becos de mulher perdida.  
Becos de mulheres da vida.

(*Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, p. 104)

Cora Coralina, com a devida licença poética, reescreve a história, os costumes, o folclore, as tradições e a geografia da Cidade de Goiás, sob o olhar daquela que estava fora do centro, predestinada a cumprir o seu destino de *gauche*, isto é, o de ser mulher, poetisa e velha numa sociedade que discrimina as diferenças e exclui aqueles que estão à margem do sistema. A solidariedade que Cora dedica aos humildes, desprezados e marginais nasce da sua própria condição de ser ex-cêntrica, de estar fora do centro. É nessa condição que o sujeito da enunciação poética escuta outras vozes, atende ao apelo rimbaudiano do “eu é um outro” e se recorda enquanto voz impertinente, em divergência com o seu contexto social, mas criando um vínculo entre os seres desprezados e o destino do mundo.

Sébastien Joachim, em seu artigo “Universalidade da região em Cora Coralina”, escreve que a sua poesia é a “má consciência da miséria do mundo,” que a sua “escritura corrosiva”, ao mesmo tempo que canta os pobres, os humilhados e ofendidos, expõe os seus algozes, configurados nas famílias nobres e opulentas, no poder falocrático ou nos enunciadores de regras sociais (JOACHIM, 1999, p. 15). Através de sua poesia, a realidade

social de uma época é exposta nas suas várias faces: o preconceito, a segregação da mulher e da criança, a pobreza, as prostitutas, os presidiários, os párias. Mas também a tal realidade lembra as mestras inesquecíveis, o clube de leitura, as fazendas, a gente boa do lugar, os amigos, as leituras preferidas, a terra e os cânticos de reverência. Assim, pauta a poesia de Cora uma ética compromissada com a condição humana. O que elege para seus poemas está impregnado de sua visão de mundo e do seu propósito de reverenciar o que não foi escrito pelos homens que detinham o poder. É o caso do poema “Palácio dos Arcos”, que se refere à casa dos governadores nos tempos da província, um dos monumentos do poder e da glória dos conquistadores. O poema conta a história de um índio que foi aculturado, tornou-se soldado e guardava o Palácio dos Arcos, quando, num dia de chuva, um trovão fez renascer suas raízes indígenas. Então, ele abandona a civilização e volta para a sua gente. Cora recupera a história que ficou interdita nas linhas da história oficial:

O Palácio dos Arcos  
Tem estórias de valor  
Que não quero aqui contar.  
Vou contar a estória do soldado carajá.

*(Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, p. 129)*

Para finalizar este estudo da interface entre memória e poesia em Cora Coralina, vem-nos, a propósito, a lembrança do poema “Minha cidade”, que, encenando um movimento inverso ao dos descobridores das entradas e bandeiras, refunda a Cidade de Goiás poeticamente, através da palavra originária, que busca no desdobramento do eu lírico em casarios, igrejas, natureza, mulher e na figura de Aninha, a força criadora que sustenta verdadeiramente um povo. Assim, uma mesma cidade se funda duas vezes: a primeira é página da história que conta os atos heróicos, o desbravamento da região inóspita, a conquista e a submissão, seja da paisagem, seja dos primeiros habitantes da terra, os índios goyazes. Conquistada a terra a ferro e fogo, erguem-se os monumentos que guardam, de um lado, a glória e, de outro, a barbárie. A segunda se funda com base no que o povo conta e no que recriam os artistas. Cora Coralina, nesse poema, se apropria de sua terra, fundando-a novamente, agora com a sensibilidade de uma mulher-artista. E,

diferentemente do bandeirante paulista Bartolomeu Bueno da Silva – que, com a palavra enganadora e trapaceira, ameaçou pôr fogo no Rio Vermelho se os índios não lhe revelassem onde estava o ouro –, funda-a com o cinzel da palavra poética. Como se trata de um autêntico ato fundador, o seu resgate poético merece mesmo ser citado na íntegra:

MINHA CIDADE

Goiás, minha cidade...  
Eu sou aquela amorosa  
De tuas ruas estreitas,  
Curtas,  
indecisas,  
entrando,  
saindo  
uma das outras.  
Eu sou aquela menina feia da ponte da lapa.  
Eu sou Aninha.

Eu sou aquela mulher  
Que ficou velha,  
Esquecida,  
Nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,  
Contando estórias,  
Fazendo adivinhação.  
Cantando teu passado.  
Cantando teu futuro.

Eu vivo nas tuas igrejas  
E sobrados  
E telhados  
E paredes.

Eu sou aquele teu velho muro  
Verde de avencas  
Onde se debruça  
Um antigo jasmineiro,  
Cheiroso  
Na ruína pobre e suja.

Eu sou estas casas  
Encostadas  
Cochichando umas com as outras.

Eu sou a ramada  
Dessas árvores,  
Sem nome e sem valia,  
Sem flores e sem frutos,  
De que gostam  
A gente cansada e os pássaros vadios.

Eu sou o caule  
Dessas trepadeiras sem classe,  
Nascidas na frincha das pedras;  
Bravias.  
Renitentes. Indomáveis  
Cortadas.  
Maltratadas.  
Pisadas.  
E renascendo.

Eu sou a dureza desses morros,  
Revestidos,  
Enflorados,  
Lascados a machado,  
Lanhados, lacerados.  
Queimados pelo fogo.  
Pastados.  
Calcinados  
E renascidos.  
Minha vida,  
Meus sentidos,  
Minha estética,  
Todas as vibrações  
De minha sensibilidade de mulher,  
Têm, aqui, suas raízes.

Eu sou a menina feia  
Da ponte da Lapa.  
Eu sou Aninha.

*(Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, p. 47-49)*

Junto com o poema “Todas as vidas”, o poema citado acima sintetiza a sua poética, Cora Coralina reúne a velha que conta o passado e o futuro, este através da predição da poesia, e Aninha, “a menina inzoneira”. Sua ética e sua estética estão nesse poema. E a resistência,

o outro lado da história que renasce na poesia de Cora, está marcada, também, no nível formal. O “realismo de linguagem” (CAMPOS, citado em LIMA, 1995, p. 45), o ritmo, a batida seca dos versos curtos e as rimas ásperas, na antipenúltima e penúltima estrofes, armam o sentido de destruição. Porém, como canto de fundação e de resistência, na imagem de renascimento, a vida, a cidade ressurgem da ruína, do que ficou por dizer e que só a palavra poética é capaz de instaurar. O recordar da poesia de Cora Coralina é um acordo, uma aliança que se firma na palavra poética entre os excluídos e o destino do mundo. O que ficou esquecido, a lacuna de 45 anos vividos fora da Cidade de Goiás, o que a autora construiu em termos de vida pessoal, é irrelevante para quem escolheu cantar a verdadeira história de seu povo e de sua cidade.

#### ABSTRACT

This work intends to investigate the memorial configuration in the works of the poetess Cora Coralina. It consists in verifying that hesitation and tension between the experienced and the remembered produce a poetic text, by turning it into a resounding territory in the discourses of the historical, sociological and anthropological context. It sets up, in a way, as a fictional space by redeeming the memory of society. The reconstruction of memory in the works of Cora Coralina is expressed by a poetic voice, which causes to remember other voices.

KEY WORDS: Poetry in Goiás, memory, poetic voices, Cora Coralina.

#### BIBLIOGRAFIA

Da autora

Cora Coralina. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. Goiânia: Editora da UFG, 1983.

\_\_\_\_\_. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 1993.

#### REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Lírica e sociedade. Adorno*. Tradução de José L. Grunnewald et al. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. *Obras escolhidas*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Tradução de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

JOACHIM, Sébastien. A universalidade da região em Cora Coralina. *Vintém de Cobre*. Cidade de Goiás: Casa de Cora Publicações, ano I, n. 1, p. 13-25, 1999.

LIMA, Luís Costa. *Lira e antilira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.